



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

IDENTIDADE, GÊNERO E EMPODERAMENTO: A (DES)CONSTRUÇÃO DO FEMININO NAS LETRAS DE FUNK¹

Treicy Pâmela Castro Pereira (UEPA)²

Resumo: O presente trabalho é um estudo da representação do feminino no funk brasileiro. Visamos (des)construir à luz da Análise do Discurso Francesa a imagem do sujeito feminino materializado nas letras de funk e definimos os conceitos de gênero, de identidade e de empoderamento como categorias de análise. Utilizamos como base teórica os trabalhos de Maingueneau (1997, 2005, 2005a e 2008), Hall (2015), Butler (2016) e Vasconcelos (2003), os quais referenciam a análise sobre a constituição do *ethos* feminino presente na materialidade discursiva das letras de funk. Para alcançar a imagem do feminino foi necessário dialogar com o contexto sócio-histórico-cultural e ideológico de maior circulação deste estilo musical – a periferia – e, assim, identificamos as marcas discursivas que remetem ao cenário enunciativo e as imagens que a mulher produz de si no discurso.

Palavras-chave: Análise do Discurso Francesa. *Ethos* discursivo. Gênero. Identidade. Empoderamento.

Abstract: This work is a study of female representation in the Brazilian funk, specifically in letters of musics of Valesca Popuzuda. We aim to (un)build the light of the French Discourse Analysis the female subject materialized in funk letters, defining the concepts of gender, identity and empowerment like analysis categories. We used as theoretical basis to reflections that we propose, the work of Maingueneau (1997, 2002, 2005 and 2008), Hall (1992), Butler (1990, 1993) and Vasconcelos (2008) that reference the analysis of the feminine *ethos* in discursive materiality of funk letters. To reach the female image was necessary dialogue with the socio-cultural-historical and ideological context of wider circulation of this musical style - the periphery - and thus identify the discursive marks that refer to the enunciation setting and the images that the woman produces itself in speech.

Keywords: French Discourse Analysis. Discursive *Ethos*. Genre. Identity. Empowerment.

¹ Este artigo científico mostra os primeiros resultados do meu Trabalho de Conclusão de Curso, foi orientado pela Prof^a Me. Cristiane Dominiqi Vieira Burlamaqui.

² Graduanda em Letras- Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual do Pará. Integrante dos grupos GELIC/UEPA e GELPEA/UEPA.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Introdução

O trabalho em questão surgiu de inquietações acerca de como a figura do feminino é representada no contexto discursivo das letras de funk. Nesse trabalho, refletimos sobre a imagem da mulher nas letras de Valesca Popuzuda, funkeira popular no Brasil. Nosso objetivo é compreender de que maneira, ao longo de sua carreira, Valesca vem se apropriando do discurso sobre gênero, identidade e empoderamento que circulam na sociedade, para construir o *ethos* discursivo presentes em seus funks.

Utilizamos como recorte teórico-metodológico, os instrumentos propostos pela Análise do Discurso Francesa (MAINGUENEAU, 1997, 2005, 2005a e 2008), e como categorias de análise a perspectiva de identidade presentes nos trabalhos de Hall (2015), as reflexões sobre gênero presentes em Beauvoir (1980), Butler (2016) e os debates sobre empoderamento/ empowerment propostos por Friedmann (1996), Gohn (2004) e Vasconcelos (2003).

Entendemos que para alcançar a imagem do feminino presente nas letras de Valesca, seja necessário dialogar com o contexto sócio-histórico-cultural e ideológico de maior circulação deste estilo musical – a periferia e a esfera pública – e, assim, identificar, descrever e analisar as marcas discursivas que remetem a este cenário enunciativo.

De antemão, podemos afirmar que ao nos lançarmos em um contexto discursivo o qual nos encaminha a um cenário enunciativo com peculiaridades sociodiscursivas, que não encontram espaço fora da periferia e da cultura marginalizada, vimos emergir um *ethos* discursivo, aparentemente, contraditório: ora a imagem do feminino que se apresenta na cena enunciativa como dominadora, a qual dita o que espera de seu parceiro; ora uma imagem de feminino que se deixa dominar pelo masculino e pelos estereótipos forjados nos discursos machistas e sexistas dominantes na sociedade brasileira.

Organizamos esse trabalho em três seções: na primeira, apresentamos o cenário teórico que fundamentará a análise das letras de funk; na segunda, apresentamos as categorias de análise que sustentaram as reflexões acerca da (des)construção do feminino, são elas: identidade, gênero e empoderamento; na terceira, segue a análise das letras de funk – corpus desse trabalho.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Em Pauta a Análise do Discurso Francesa

Os estudos sobre o discurso romperam com diversas concepções acerca da linguagem, e introduziram a necessidade de dissociar a ideia de que apenas a língua isolada de seu contexto de produção era um objeto passivo de ser estudada pela Linguística. Apesar de reconhecer os postulados primorosos de Saussure, os estudiosos do campo dos estudos do discurso abordam a língua como um fato social, a qual pauta sua existência no próprio processo enunciativo.

A denominada “escola francesa de análise do discurso” engaja-se em uma tradição intelectual europeia habituada a atrelar a reflexão sobre o texto à reflexão sobre a história. Conforme Maingueneau (1997), nos anos 1960, ainda sob a égide do estruturalismo, a conjuntura intelectual francesa proporcionou, em volta de uma reflexão sobre a “escritura”, uma articulação sobre a linguística, o marxismo e a psicanálise.

Desse modo, a Análise do Discurso francesa (ADF) nasceu tendo como característica marcada de sua episteme a interdisciplinaridade, e se tornou um campo fértil não só para linguistas, como, também, para historiadores, antropólogos, sociólogos entre outros. Segundo Brandão (2004), cabe destacar, também, que a ADF se constitui na prática escolar como um meio de “explicação de texto”, evento observado na França, nos anos anteriores a 1960.

É neste cenário que surge a necessidade de critérios mais precisos para delimitar o campo da ADF a fim de se chegar a sua especificidade, para isso, segundo destaca Maingueneau (1997), será imperativo considerar outras dimensões: o quadro das instituições em que o discurso é produzido, as quais delimitam fortemente a enunciação; os embates históricos, sociais etc. que se cristalizam no discurso; e o espaço próprio que cada discurso configura para si mesmo no interior de um interdiscurso.

Diante disso, destacamos que a linguagem passa a ser um fenômeno que deve ser estudado não só em relação ao seu sistema interno, enquanto formação linguística a exigir de seus usuários uma competência específica, mas como formação ideológica, a qual se manifesta por meio de uma competência socioideológica.

É nesse interim que alguns conceitos da ADF precisam ser salientados tais como: a ideologia e o discurso, o sujeito da AD, a cena enunciativa e o *ethos* discursivo.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Da ideologia ao discurso

De acordo com Brandão (2004), há dois grandes paradigmas que virão influenciar a corrente francesa de AD são: o conceito de ideologia, de Althusser e as ideias sobre o discurso de Foucault.

Conforme Chauí (1980), o termo “ideologia” criado pelo filósofo Destrutt de Tracy em 1980 na obra **Elements de idéologie**, nasceu como sinônimo da atividade científica que procurava analisar a faculdade de pensar. Posteriormente, segundo a autora, para Marx a ideologia encarnou uma carga negativa: a ideologia é um instrumento de manipulação, passa a ser a expressão da classe dominante.

O filósofo marxista Althusser (1985) concebe a ideologia como imaginário, que vai mediar a relação das pessoas com suas condições de existência. No que se refere à produção econômica, devido a ideologia, os sujeitos se percebem livres e com condições de alcançar posições mais altas na hierarquia social, todavia, não se percebe que o sistema capitalista os conduz a ocupar uma determinada função nas relações de produção - ou de exploração.

Althusser (1985) afirmar que, para manter sua dominação, a classe dominante gera mecanismos de perpetuação ou de reprodução das condições materiais, ideológicas e políticas de exploração. Para ele a ideologia é a maneira pela qual os homens vivem a sua relação com as condições reais de existência, portanto, existe sempre em um aparelho e na sua prática ou nas suas práticas.

Nessa perspectiva, podemos compreender que a existência ideológica é material, pois as relações vividas, nela representadas, envolvem a participação individual em determinadas práticas e rituais no interior de aparelhos ideológicos concretos. Devemos considerar que a ideologia se materializa nos atos concretos, assumindo com essa objetivação um caráter moldador das ações. Esta questão leva Althusser a concluir que a prática só existe numa ideologia e por meio de uma ideologia.

Destacam-se os efeitos dos sentidos que a ideologia exerce nos enunciados, portanto, cabe analisar a influência de fatores extralinguísticos na formação dos sentidos dos enunciados. É importante frisar que para Althusser (1985) a ideologia tem o papel de sobredeterminar o sentido da ação social, na proporção em que ela interpela o indivíduo como



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

sujeito, ou seja, na medida em que o indivíduo se torna assujeitado pela ideologia. Ressalta-se que essa interpelação ocorre em conformidade com as transformações sociais ou ideológicas de determinado contexto histórico, com a luta de classes e com a resistência dos indivíduos.

Nesse sentido, percebemos que os pensamentos de Althusser influenciam diretamente na construção da teoria do discurso de Pêcheux que em seus estudos, relata que o processo de produção discursiva foi concebido como “uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma, de tal modo que o sujeito-estrutura (ideologia) determina os sujeitos como produtores do discurso” (PÊCHEUX, 1997, p.311). No que tange às questões apresentadas, Pêcheux aborda em sua tese que a ideologia ou as formações discursivas interpelam os indivíduos em sujeitos do discurso elaborando efeitos do sentido em seus enunciados, e reconhece a necessidade de se considerarem os efeitos da luta de classes nas práticas discursivas.

Cabe destacar que com base nos estudos de Foucault (2005), nas sociedades em geral nem tudo pode ser dito por todos, há métodos de exclusão e interdição que delimitam a produção discursiva: os dizeres são regulados por forças que os orientam e os determinam. Tais aspectos são postos em evidência no cenário do funk, um contexto discursivo marginal que faz um retrato do sujeito o qual está à margem da sociedade, expondo por meio de um estilo musical a realidade de um povo que sofre diversas mazelas.

O sujeito na AD

Verifica-se que no contexto da AD, o sujeito é dinâmico e atravessado por conflitos. A linguagem será para o sujeito, a realização social de sua subjetividade, isso é, a possibilidade de se revelar e representar no mundo. A subjetividade pode ser considerada como a capacidade do locutor se propor como sujeito do seu discurso, sendo que essa subjetividade se expressa no exercício da linguagem.

Sabemos que a AD redefine a noção de sujeito, trazendo-a de volta para o centro das discussões sobre a linguagem. O sujeito da AD é definido como um sujeito social construído no universo discursivo. Pêcheux (1997) afirma que o sujeito não é dono de seu discurso, portanto, a ADF não dialoga com a ideia de que o sujeito é sempre intencional e tem a liberdade para falar o que quer; pelo contrário, o sujeito é ancorado tanto pela ordem da



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

linguagem como pela ordem sócio-histórico-ideológica, estas pautam a construção discursiva do sujeito.

Cabe enfatizar que o sujeito em AD é um ser social, histórico e ideologicamente situado, que se constitui na interação com o outro – adquire diferentes vozes sociais – e é marcado pela heterogeneidade. Para Maingueneau (1997), a teoria do discurso não é uma teoria do sujeito antes que este enuncie, mas uma teoria da instância de enunciação que é, ao mesmo tempo e intrinsecamente, um efeito do enunciado. Esta instância de subjetividade enunciativa, pontuada por Maingueneau, possui duas faces: por um lado, ela constitui o sujeito em sujeito de seu discurso, por outro ela o assujeita.

A subjetividade enunciativa, conforme Maingueneau (1997), submete o enunciador as suas regras e igualmente o legitima, atribuindo-lhe a autoridade vinculada institucionalmente a este lugar. Diante disso, é importante ressaltar que para a ADF, não é possível definir nenhuma exterioridade entre os sujeitos e seus discursos.

O contexto discursivo do funk: as dimensões do *ethos* e da cena enunciativa

Sabe-se que os estudos da linguagem têm, por meio dos estudos do discurso, a possibilidade e a responsabilidade de dar a conhecer, de outra perspectiva, o homem, a história e a sociedade. Rediscutindo a ideia aristotélica de que *ethos* é construído na instância do discurso, Maingueneau (2005) afirma que não existe um *ethos* preestabelecido, mas sim Ele é construído no âmbito da atividade discursiva.

Nesse contexto, é importante ressaltar que a noção de *ethos* está relacionada à cena enunciativa e à constituição da identidade, desse modo ressalta-se que a origem etimológica de *ethos* é grega e significa “costumes, modo de ser, caráter” o que permite criar uma “imagem” que represente esse possível “modo de ser” enunciativo do sujeito, fortalecido, pela sociedade, por estereótipos. Nessa perspectiva, a cerne do *ethos* está pautada diretamente na enunciação, analisa-se que a imagem de si é um fenômeno que se constrói dentro da instância enunciativa e se mostra através de seu discurso.

Maingueneau (2016) atribui ao *ethos* três dimensões (categórica, experimental e ideológica) que são mais ou menos relevantes de acordo com os textos a serem analisados, vale ressaltar que ali essas dimensões interagem fortemente. Sabemos que Maingueneau foi



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

um daqueles que introduziram na ADF a problemática do *ethos* discursivo, o autor também faz reflexões sobre a relação entre o *ethos* dito (o que o locutor diz sobre si mesmo) e o *ethos* mostrado (o que o locutor mostra em sua maneira de enunciar) e, ainda, sobre a complexidade das estratégias que os destinatários devem mobilizar para atribuir um *ethos* ao enunciador.

Compreendemos que para Mainguenu (2016), estudar o *ethos* é se apoiar em uma realidade simples, intuitiva, a de um fenômeno que é co-extensivo a qualquer emprego da língua: o destinatário constrói necessariamente uma representação no locutor por meio do que esse último diz e sua maneira de dizer. De acordo com a teoria de Maingueneau, o *ethos* está diretamente relacionado com a cena enunciativa, pois por meio dela o enunciador se legitima ou não. O *ethos* relaciona-se, também, com a identidade do sujeito discursivo que ocupa determinada posição discursiva, visto que ele, em geral, constitui-se de diversos elementos discursivos como corporalidade, cenografia e estereótipos sociais que influenciam na criação da imagem do enunciador.

No funk, como em outros espaços discursivamente constituídos, diferentes discursos entrecruzam-se, chocam-se, mas também se completam. É nesse conflito, nas contradições que ali encerram, que as ações discursivas se instauram e que o *ethos* discursivo feminino, aparentemente, contraditório se constitui.

(Re)descobrimo Conceitos: Identidade, Gênero e Empoderamento

Por um lado o funk é uma possibilidade de existência pública para alguns sujeitos e vem constituindo-se como uma face da identidade, isto é, um meio de circulação dos valores e da cultura dos sujeitos da periferia. Por outro lado o funk se choca com os valores de determinados setores da sociedade brasileira, uma vez que é considerado uma prática social que retrata as relações de gênero e a cultura marginalizada e estereotipada.

Desse modo, para entendermos como o discurso do funk reflete uma realidade socialmente marginalizada – periférica –, precisamos compreender como o sujeito é materializado nas letras, como ocorre a representação do *ethos* discursivo. Para realizar tal intento passamos a apresentar as categorias de análise que sustentaram as reflexões acerca da (des)construção do feminino, são elas: identidade, gênero e empoderamento.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

A (des)construção das identidades na pós-modernidade

Com já dito anteriormente, o discurso tornou-se um importante objeto de estudo da linguística e das ciências humanas, pois sendo socialmente constituído, contribui para o desvelar da constituição das identidades dos sujeitos social e historicamente situados. Diante disso, percebemos que as transformações sociais estão presentes na materialidade discursiva e refletem e refratam a constituição identitária a qual passamos a tecer uma breve reflexão, utilizando como principal referencial as reflexões de Stuart Hall sobre a formação das identidades na pós-modernidade.

De acordo com Hall (2015) vivemos em uma crise de identidades. “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes, contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2015, p. 11). Diante disso, entendemos que o próprio processo de identificação, por meio do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais efêmero, volúvel e problemático.

Consoante às ideias de Hall (2015) o processo de identificação produz **o sujeito pós-moderno**, pontuado como aquele que não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente. Nesse viés, conforme o autor, a identidade torna-se uma “celebração móvel”: constituída e transformada consecutivamente em analogia às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Nesse cenário, observamos que o sujeito assume identidades diferentes em momentos distintos, identidades que, segundo Hall (2015), não são agregadas ao redor de um “eu” coerente. Assim, sabemos que dentro de nós há identidades que se contrapõem, as quais empurram para diferentes direções, desse modo, é importante destacar que, hodiernamente, as nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Adiantamos que tais características serão evidenciadas na análise das letras de funk, as quais revelarão como ocorre esse conflito de identidades na cena enunciativa em que o sujeito feminino está imerso.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Questões de gênero: a mulher e o funk

Os debates feministas contemporâneos envolvem as questões de gênero. Simone de Beauvoir (1980, p. 9), em *O segundo sexo*, afirmou que “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, para ela, o gênero é “construído” socialmente.

De acordo com Butler (2016), a posição feminista humanista entenderia o gênero como um *atributo* da pessoa, caracterizada essencialmente como uma substância ou um “núcleo” de gênero preestabelecido, denominado pessoa, que denota uma capacidade universal de razão, moral ou linguagem. Desse modo, entendemos que o gênero é construído, segundo Butler (2016), a partir da relação estabelecida entre sujeitos socialmente constituídos, em contextos especificáveis.

Vale, ainda, salientar que a relação entre os gêneros foi abordada por Bourdieu (1998), o qual afirma que, mesmo diante das conquistas das mulheres e das mudanças em relação ao tratamento social dispensado a elas, a desigualdade entre os sexos permanece nas sociedades atuais. O autor entende que as relações de dominação/submissão se constituem por meio do que ele chama de “violência simbólica”. O corpo é, para o Bourdieu (1998), o lugar onde se inscrevem a disputa pelo poder, a materialização da dominação, o exercício do poder por excelência. Nessa perspectiva, Beauvoir (1980) propõe que o corpo feminino deve ser o instrumento da liberdade da mulher, e não uma essência definidora e limitadora.

Ao considerar o corpo como meio de representação e não como aprisionamento de um gênero, Bourdieu e Beauvoir apontam para inúmeras possibilidades de ressignificar a imagem de feminino além dos estereótipos estabelecidos pela cultura dominante, o qual pré-estabelece comportamentos, uma estética e os valores designados à mulher ideal.

Compreendemos que o gênero é culturalmente construído e colocado sob um corpo sexuado, desse modo, a condição da mulher não é uma condição natural, mas sim socialmente construída, por isso ela se torna mulher. A mulher que compõe a cena enunciativa do funk é marcada pela resistência, pois que ela toma para si os papéis designados ao homem pela cultura dominante, assim, vem ao longo de sua história rompendo paradigmas e se



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso - ALED - Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

estabelecendo como um sujeito complexo, que não se deixa aprisionar pelos desígnios da ideologia dominante.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Empoderamento e o fortalecimento do sujeito feminino

A priori, é imprescindível destacar que, de acordo com os estudos de Gohn (2004), há dois sentidos de empoderamento mais aplicados no Brasil: (a) um se refere ao processo de mobilizações e práticas que objetivam promover e impulsionar grupos e comunidades na melhoria de suas condições de vida, aumentando sua autonomia; (b) e o outro se refere a ações destinadas a promover a integração dos excluídos, carentes e demandatários de bens elementares à sobrevivência, serviços públicos etc, em sistemas geralmente precários, que não contribuem para organizá-los, pois os atendem individualmente através de projetos e ações de cunho assistencial.

Diante de tal paradoxo, Vasconcelos (2003) pondera que o referencial teórico sobre o qual se assenta a noção de empoderamento não é novo, mas uma reapropriação e reelaboração de tradições já existente. De acordo com o autor, empoderamento implica em trabalhar com a complexidade do poder como fenômeno teórico, político, social e subjetivo. Nesse sentido, a noção de empoderamento nos remete a ideia de um processo não linear, não cumulativo ou progressivo, ou seja, constitui-se em arenas de conflito dinâmicas, relacionais, sem distinções claras, numa dialética constante entre instituinte e instituído.

Consideramos o empoderamento como forma de resistência da mulher que vive na periferia, pois encontramos um sujeito que rompe com um sistema patriarcal o qual, por diversas vezes, invisibiliza, oprime e não legitima o discurso feminino. A mulher que compõe a cena enunciativa em que o funk está imerso é exatamente esse sujeito, aquele que está à margem da sociedade, contudo, mesmo assim, responde ao processo de assujeitamento, com um discurso de resistência, característica do empoderamento feminino.

É válido pontuar que vivemos em um momento em que a cultura da periferia está em emergência, percebe-se que por meio da música a camada periférica, a qual é subjugada pela classe dominante, encontra espaço para fazer seu desabafo, enfrentando com resiliência as fronteiras que conferem valorização à cultura dominante em detrimento da cultura dominada. Desse modo, verifica-se que o funk também revela os conflitos sociais que existem na sociedade.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

(Des)construção do Feminino: a Mulher e o Funk

O funk é um movimento musical que integra música, coreografia e modo de se posicionar socialmente, por isso, segundo Yúdice (2004) deve ser analisado como além de um gênero musical, podemos descrevê-lo como um movimento musical e social. O funk é a expressão da cultura dos morros cariocas e os adeptos procuram construir uma identidade própria para o movimento que o distinga de outras ramificações da música negra norte-americana, como o rap e o hip-hop.

Com o objetivo de desvelar algumas faces do funk e, por sua vez, da identidade da periferia brasileira, as reflexões aqui desenvolvidas, um espaço reconhecido pela cultura dominante como o lugar legitimado para a produção de conhecimento valorizado – a academia –, passamos a analisar duas músicas da funkeira Valesca Popuzuda, são elas: “Tá pra nascer homem que vai mandar em mim” (2014) e “Larguei o meu marido” (2008).

No espaço discursivo do funk de Valesca, a mulher tem um lugar de destaque, pois integra um cenário específico: a interação dela com a própria sexualidade e com o outro é construída no e pelo movimento musical em questão, como pode ser evidenciados no exemplo (1).

(1) Tá pra nascer homem que vai mandar em mim/ Tá pra nascer alguém que vai me
esculachar/ Tá pra nascer, e eu já falei pra tu/ Se ficar me enchendo o saco, mando tomar...

O uso repetido nas três estrofes da expressão idiomática “*Tá pra nascer*” pode ser associado à ideia de subversão, de ruptura de normas socialmente estabelecidas ao remeter a ideia de que ainda não nasceu essa pessoa e nem sei se haverá de nascer alguém que me subjugué. Na passagem “*Tá pra nascer **homem** que vai mandar em mim*”, esse alguém é definido pelo gênero, o que nos leva a crer que tal materialização discursiva revela a preocupação por definir os papéis e os lugares sociais que serão estabelecidos para cada gênero.

Nesse viés, podemos dialogar com as ideias de Butler (2016), pois a autora afirma que o gênero é construído a partir da relação estabelecida entre sujeitos socialmente constituídos, em contextos especificáveis. Observamos que essa cena enunciativa em questão, a mulher



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

constrói a sua identidade de gênero a partir das relações com o contexto sócio-histórico-cultural e ideológico em que está inserida.

Cabe destacar também que, segundo Amorim (2009), a funkeira costuma tratar toda a situação que a envolve no movimento como um jogo de representações, legitimada por ela mesma e pela prática discursiva instaurada, em relação a sua própria sexualidade e à condição de submissa ao universo social machista. Diversas vezes ela inverte as representações instituídas e mantidas por uma sociedade fundada no patriarcalismo e assume um papel de dominadora da situação em que se encontra. Outras vezes, ela assume o caráter de submissa às determinações de seu parceiro como evento desencadeador de uma atitude proativa.

(2) Só me dava porrada!/ E partia pra ferra!/ Eu ficava sozinha, esperando você/ Eu gritava e chorava que nem uma maluca.../Valeu muito obrigado mas agora virei puta!

Identificamos no exemplo (2) acima, além do jogo argumentativo pautado na causalidade: me dava porrada, partia pra ferra e agora virei uma puta; a materialização discursiva de histórias vivenciadas pelas mulheres que sofrem violência doméstica: um verdadeiro desabafo da mulher que sofre, além das agressões físicas, assédio moral.

Há no exemplo (2) um *ethos* discursivo de uma mulher que agredida, abandonada, sofria todo o tipo de humilhações, contudo, essa mesma mulher busca sua libertação e a consegue, denominando-se, posteriormente, de “puta”. O vocábulo “puta” além de refletir uma identidade fragmentada, conforme estudamos em Hall (2015), também aponta para o processo de assujeitamento a uma cultura dominante que confere à “puta” um lugar socialmente marginalizado, mas que nessa cena enunciativa aponta para a construção de um *ethos* discursivo de uma mulher empoderada, que ao transgredir valores impostos assume uma identidade marginal e passa a impor-se como digna daquele lugar.

Nos exemplos (1), e (2) podemos destacar, ainda, que a mulher no cenário enunciativo do funk, quando diz o que diz por meio das palavras faz por obediência a uma formação discursiva de cunho ideológico que legitima esta prática social e discursiva, pois o discurso é resultado de outros discursos inscritos na memória (interdiscurso) na qual o indivíduo não tem consciência (esquecimento ideológico).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Nessa perspectiva, a análise desse movimento no que se refere ao tratamento dado à mulher pode nos ajudar a compreender como algumas mulheres vêm se constituindo enquanto sujeito em nossa sociedade, que representações elas constroem de si mesmas, que discursos são proferidos por elas e para elas e que ideologias permeiam esses discursos.

Considerações Finais

A partir dos fatos expostos compreende-se que o funcionamento do discurso da mulher no cenário do funk ultrapassa o próprio sujeito, extrapola os quadros teóricos apresentados pelos estudos linguísticos. O que um sujeito diz vem de um outro lugar, de uma instituição que ele e muitos outros representam.

Constatamos que há a fragmentação das identidades, o que evidencia uma verdadeira resposta ao assujeitamento da mulher. Ao nos lançarmos em um jogo discursivo o qual nos encaminha a um cenário enunciativo, aparentemente, contraditório da mulher no universo funk, é imprescindível ressaltar que emerge ali ora a imagem do feminino o qual se apresenta na cena enunciativa como dominadora, a qual dita o que espera de seu parceiro; ora uma imagem de feminino que se deixa dominar pelo masculino e pelo estereótipo forjado no discurso machista e sexista dominante na sociedade brasileira.

Observamos que o empoderamento é uma forma de subversão, contudo verificamos que há um limite entre transgressão e empoderamento. A partir das reflexões feitas, concluímos que o sujeito se adequa a nova perspectiva a qual está inserido, sendo um sujeito dialógico, o qual está sempre em diálogo com as suas diversas identidades fragmentadas.

Desta forma, faz-se necessário repensar o conhecimento das práticas culturais fora do circuito do consumo/produção como práticas discursivas de valor. Nesse sentido é que este trabalho tem como foco o funk. A valorização das culturas socialmente marginalizadas é imprescindível, sobretudo numa sociedade pós-moderna em que a identidade se constrói num processo de constante deslocamento entre o individual e o coletivo. Pela incapacidade de o Estado, como instância de poder, resolver todos os problemas, estas formulações identitárias constroem um micropoder de resistência e/ou contestação diante daquilo que insiste em ser hegemônico.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado*. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

AMORIM, Márcia Fonseca de. *O discurso da e sobre a mulher no funk brasileiro de cunho erótico: uma proposta de análise do universo sexual feminino*. Campinas, SP, 2009. Tese de doutorado (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2009.

BEAUVOIR, Simone. (1949). *O Segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina revisitada*. In: LINS, Daniel. Campinas: Papirus, 1998.

BRANDÃO, Helena. H. Nagamine. *Introdução à Análise do discurso*. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero Feminismo e subversão das identidades*. – 10ª edição – Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

FRIEDMANN, J. *Empowerment: uma política de desenvolvimento alternativo*. Oeiras: Celta, 1996

FOUCAULT, Michel. (1976) *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

GOHN, M. *Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais*. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 20-31, mai./ago. 2004.

HALL, Stuart. *Identidade na pós-modernidade*. – 12ª edição – Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HERRIGER, N. *Empowerment in der sozialen Arbeit: eine Einführung*. 3. ed. Stuttgart: Kohlhammer, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução: Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1997.

_____, Dominique. *Gênese do Discurso*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

_____, Dominique. *Ethos, cenografia, incorporação*. In: AMOSSY, Ruth. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução de Dílson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005, p.69-92.

_____, Dominique. *Cenas da enunciação*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2008.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso - ALED - Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

_____, *Dominique. Retorno crítico sobre o ethos*. In: BARONAS, Roberto Leiser *et al* (Orgs.). *Análise do Discurso: entorno da problemática do ethos, do político e de discursos constituintes*. Campinas, SP: Pontes, 2016, p.13-33

PÊCHEUX, Michel. A análise do discurso: três épocas. In: GADET, Françoise. & HAK, Tony.(Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997, p. 163-252.

_____, Michel. *Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Oelamdi. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2009.

_____, (2008) *Larguei o meu marido*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br>>. Acesso em: 15 mai. 2016.

_____, (2014) *Tá pra nascer homem que vai mandar em mim*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br>>. Acesso em: 15 mai. 2016.

VASCONCELOS, E. M. *O poder que brota da dor e da opressão: empowerment, sua história, teoria e estratégias*. São Paulo: Paulus, 2003.

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.